

# Editorial

Existimos a partir de um lugar. E ter um lugar é marcar distâncias, não só espaciais, mas também sociais e de poderes. O espaço não é neutro, impregna um universo simbólico que é preciso saber interpretar. Todos temos “a nossa terra”. Nascermos amarrados a um chão cultural (enraizamento), de tal modo que nos tornamos “pó do seu pó”.

Daí falar-se em centro-periferia como uma estrutura hierárquica que determina modos de ser, pensar e agir. Por consequência, o lugar não é apenas uma questão de espaço, produz também identidades culturais e estereótipos em função da posição que se ocupa na topologia social. O problema que daqui resulta é que as culturas hegemónicas se sobrepõem às culturas locais. E a relação de poder entre o centro-periferia reproduz-se nos sistemas de ensino, nas escolas, na relação pedagógica...

A nível da União Europeia têm-se vindo a discutir as discrepâncias entre o que é considerado de referência central e as regiões periféricas, as que têm mais dificuldades a nível cultural, económico, etc. A utilização do conceito de ultra, pretende assinalar territórios ultraperiféricos (RUPS), como é o caso das ilhas, zonas rurais, quer dizer, regiões que têm mais dificuldades a nível cultural, económico, etc.

Apesar do conceito de ultraperiferia ter sido abordado pelo Conselho Europeu de Rodes, em 1988, e consagrado no Tratado de Amesterdão em 1997, pensamos que não temos dispensado a atenção necessária a este importante assunto. Neste sentido, a RLE55 dedicou o seu dossiê, sabiamente coordenado por Nuno Fraga, da Universidade da Madeira, à problemática que a ultraperiferia coloca no domínio da Educação e com uma Nota Introdutória própria.

A RLE abre com o artigo de Emilio Lucio-Villegas, denominado *Sintomas mórbidos de desenvolvimento. Um estudo de caso*. O autor refere que, tradicionalmente, o desenvolvimento tem sido visto como uma coisa positiva que fez gerar maior riqueza e bem-estar, quer para os indivíduos, quer para as comunidades. Esta visão partiu do pressuposto de que o desenvolvimento, por si só, era capaz de promover maiores níveis de bem-estar e equidade. Porém, este modelo, que se baseia apenas na geração de riqueza económica, parece estar construindo espaços de marginalização e exclusão social. O autor, no desenvolvimento do seu artigo, quer levantar, a partir de um caso específico, como o desenvolvimento pode promover situações de evasão escolar e desenraizamento social. E conclui o seu artigo dizendo que é necessário estudar o desenvolvimento na perspetiva da mudança e repensá-lo para que seja acompanhado de propostas educativas que garantam às pessoas a compreensão dos processos em que estão imersos e participa,.

O segundo artigo é da autoria de João Longo e Lídia Moutinho tendo por título *Professores de Enfermagem: obstáculos que limitam o valor formativo da prática clínica*. Neste artigo os autores tentam responder à questão: quais os principais obstáculos sentidos pelos professores em contexto de prática clínica na formação inicial em enfermagem? E pretendem compreender em que medida esses obstáculos podem ser condicionantes do desenvolvimento profissional docente. O estudo segue uma abordagem qualitativa, descritiva e de natureza interpretativa. A amostra é intencional, composta por sessenta e oito professores de treze Escolas Superiores de Saúde-Enfermagem portuguesas. A recolha de dados foi efetuada através da técnica de *focus-group* e o tratamento de dados foi executado com recurso à análise de conteúdo temática segundo Bardin. Como conclusão os autores referem que os resultados mostram que os obstáculos sentidos pelos professores durante os períodos de ensino clínico aparentam estar relacionados com a falta de preparação para as funções de supervisão, com as dificuldades de interação com os atores envolvidos no processo formativo (supervisor clínico e estudante), com a ausência de articulação entre a academia e os contextos profissionais e, ainda, com o modo como os ensinamentos clínicos são organizados.

Lúcia Vidal Soares - que assina o terceiro artigo intitulado *Trabalhar com crianças é dar o melhor de si - vozes de alunas da Licenciatura em Educação Básica* - apresenta uma pesquisa, decorrente da aplicação de um inquérito por questionário, realizado no ano letivo 2021/2022, na Unidade Curricular (UC) Leitura, Escrita e Literacia, a alunas do 2.º ano de uma Licenciatura em Educação Básica. Pretendia-se conhecer as expectativas das discentes sobre a referida UC, e, simultaneamente, sobre aspetos relativos ao seu futuro profissional. Este estudo permitiu perceber que, para algumas alunas, o seu percurso formativo anterior pode ter sido decisivo na opção por este curso. No entanto, a sua vocação por este ou aquele nível de ensino está em permanente

construção, podendo ser alterada a qualquer momento, mercê de condicionalismos vários, relevando-se aqui o “estágio curricular” como um fator determinante.

Na secção *Diálogos*, Gilles Bibeau, antropólogo, filósofo, linguista e especialista em antropologia médica, conversa com Naomar de Almeida-Filho, um autor reconhecido internacionalmente. O *leitmotiv* desta conversa foi o interessante e desafiante livro de Naomar intitulado *The revolution of Georges Cabanis. A forgotten education reform in post-enlightenment France*, publicado em 2022 pela *Theory and History of Education Monograph Series* (Kingston, CAN: Queen’s University) onde são abordadas e revisitadas as questões que, nas duas últimas décadas, o autor tem defendido em torno da transdisciplinaridade, da reforma universitária e, mais amplamente, do lugar da ciência no mundo atual.

Na secção *Recensões*, Aline Belle Legramandi e Manuel Tavares analisam, criticamente, a obra *Pedagogias decoloniais e interculturalidade: insurgências*, organizada por Vera Maria Candau, dada à estampa em 2020 sob a chancela da Apoena, sediada no Rio de Janeiro. Trata-se de um livro relevante que interpela o leitor/investigador para uma educação que, à luz da epistemologia decolonial e da prática intercultural, dialogue e incorpore as culturas diversas que compõem a cultura brasileira e que possibilite a superação do eurocentrismo e da colonialidade. Ainda nesta seção, Alcínia Noutel apresenta-nos a recensão da obra coordenada por Gonzalo F. Fernández Suarez y Maria Dolores Fernández Tilve com o título *La gestión cultural en la era dixital*. É um livro recente, publicado em 2022 pela McGraw Hill, onde emerge uma diversidade de contributos pertinentes e originais sobre a temática em análise. Efetivamente, a gestão cultural, na era da globalização e da multiculturalidade, constitui um domínio em franco desenvolvimento, tornando-se a tecnologia digital numa ferramenta fulcral na disseminação da produção cultural.

No cumprimento de uma das rubricas da política editorial da *Revista Lusófona da Educação*, divulgam-se, neste número, alguns resumos de Teses de Doutoramento em Educação defendidas no Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Lisboa, Maio de 2022

António Teodoro

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7819-0498>

José V. Brás

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0374-748X>

Maria Neves Gonçalves

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2531-4618>